



Sergio Murilo da Motta Mancuso

A REDENÇÃO DOS CORPOS

Inspirado pelo álbum homônimo de VIOLINS

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

A REDENÇÃO DOS CORPOS
SERGIO MURILO DA MOTA MANCUSO
uma história inspirada por
A REDENÇÃO DOS CORPOS
VIOLINS

SÃO PAULO, MAIO DE 2010
1ª Edição

COPYRIGHT © 2010 BY SERGIO MURILO DA MOTA MANCUSO
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR

A REDENÇÃO DOS CORPOS

SERGIO MURILO DA MOTA MANCUSO

EDIÇÃO: **DANILO CORCI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**



A REDENÇÃO DOS CORPOS

SERGIO MURILO DA MOTA MANCUSO

Caía a noite pela janela do quarto de Mateus. Mais um dia sem sentido ou razão. Um trabalho de que não gosta, uma vida que não presta. Não consegue sentir, escrever ou pensar... parece que algo está sugando tudo que lhe tem de bom. Ao olhar pro espelho, vê sua vida se esvaindo sem poder deixar algo, rastros seus para a Humanidade. Algo que valha a pena viver. Há dias não fala com sua namorada, se é que ela ainda é algo dele. Não se falam faz duas semanas. Ele não consegue mais amar. Não sabe se o que sente é amor ou apenas se acostumou com alguém do seu lado. Alguém que o atura, está ali para não se sentir sozinho, uma solidão a dois. Ambos são extremamente diferentes, o que no começo era lindo, aos poucos foi se tornando insustentável. Hoje, tudo os separava, a distância, as palavras, as brigas e principalmente, a simples mas difícil frase: eu te amo. Mateus não conseguia mentir. Não dizia “eu te amo” para sua namorada tinha quase dois meses, no qual eles tinham voltado entre trancos e barrancos de “um tempo” separados.

O telefone toca. É sua namorada lhe cobrando explicações.

— O que aconteceu que você não me liga há uma semana, hein?

— Não sei mais se te amo! Acho que não te amo mais!

— Como assim, quer dizer que todo esse tempo você brincou comigo?

— Não, não brinquei... já amei muito você... mas acho que acabou...

— Acabou como? Assim, do nada? Seu filho da puta...

Neste momento Mateus se sente esvaindo aos poucos, vendo seu futuro, ou não o vendo mais. Ele está se desintegrando pelo telefone. Não aguenta mais e desliga o telefone. Não foi ele quem brincou com ela, o amor é quem brinca com as pessoas. O amor prega peças. E com seu coração, o amor já brincou demais.

Mais uma noite sem fome, sem dormir ou conseguir pensar em algo. Apenas vazio, distante, lento. No fundo apenas o rádio, que parece que sente suas emoções e as joga de volta com mais tristeza e intensidade.

Amanhece. Um dia sem sol, nublado como sua alma. E ele se levanta como um robô, já não mais sente, apenas age com seus instintos. Fez um trato na longa madrugada com seu coração. Não amaria mais. Apenas se aproveitaria desse sentimento antiquado que só serve para sofrer e sentir dor. Sofrimento tanto no começo quanto no fim. O amor não existe.

No trabalho, mais um dia igual. Mateus trabalha numa indústria petroquímica. No seu ambiente apenas máquinas, monumentos ao nada, fragmentos de ferro fundido e fumaça química destruindo mais este mundo. Nunca gostou de estar neste campo de trabalho, cada dia sente que sugam mais seus sonhos e sentimentos, até o dia em que se tornará parte do todo, um robô como seus amigos que não sonham, não têm mais luz no fim do túnel, vivem apenas pelo dinheiro e uma ilusão artificial que acúmulo de riquezas significa felicidade. Seu sonho era escrever, cantar, Ter sua própria banda. Mas nunca teve escolha, tinha que ganhar dinheiro. E a cada dia mais se sente aço e plástico e menos carne e coração. Ele finge que trabalha bem, seu chefe finge que lhe paga bem. E a eterna briga contra o relógio. Mas hoje ele desistiu. Já foi tomado pelo destino avassalador de sua vida. Sempre acreditou que o destino é uma

coisa que se constrói, e não que está escrito. Mas hoje, cagando no banheiro (um dos únicos momentos em que ele é livre), lê um jornal em que o mundo caminha mais perto do fim, uma sociedade sem amor nenhum. Homens-bomba todos os dias explodem no Oriente Médio, filhas e filhos matando pais, pais jogando os filhos pela janela, padres pedófilos gays ou estupradores de freiras, assaltos, mortes, tráficos, drogas.. tudo. Deus existe? O amor existe? Foda-se, já são cinco horas. Que se dane!

Cada dia mais agindo no automático, não vendo mais esperança de sua vida mudar. Amor, paixão, passam a ser apenas uma distração na sua vida anacrônica. Queria poder voltar mas não existe mais fé ou vontade, apenas um corpo sem alma perambulando sem novidades, permanecendo a rotina consumindo seus dias e noites.

No caminho para a casa ele olha pela janela do ônibus e vê seu antigo colégio, o ponto cheio, e se lembra do tempo em que ele tinha sonhos. Tocava numa banda de garagem, sonhava em ser vocalista e gravar vários álbuns. Mas aí veio o tempo, escolhas foram feitas, sonhos deixados para trás em troca de dinheiro para viver, ele pensou que fosse temporário, mas dias viraram anos e desses anos é sua vida, que olhando pela janela percebe que sua juventude está correndo e ele ficando velho, sem nem ao menos poder realizar algo. Amigos e amores se foram e ele ficou, sozinho com o tempo, passando...

Mateus chega em casa e corre para arrumar seu case de CDs para discotecar, atualmente seu único prazer nas horas vagas. Ele discoteca num clube de rock alternativo na Lapa, lar da boêmia, do *underground* carioca. Ele se arruma com sua blusa eletrônica, calças de couro, pulseiras de metalheiro, maquiagem tipo O

corvo e lá foi ele brincar com corações. O dele já estava vendido ao demônio.

Chegando no Cine Lapa, Mateus começa a beber. Não queria se apaixonar, mas não conseguia brincar com o sentimento de outra pessoa. Sempre foi honesto. Nunca traiu ninguém, pelo contrário, muitos o traíram e ainda perdoava. Seus amigos, suas ex-namoradas... ao pensar nisso, o deus da noite obscura o tomou. Ele se viu transformado no fundo da garrafa de absinto que tomara sem nem ao menos sentir. Hora de tocar.

Ao tocar, Mateus se liberta. O rock o liberta. A música lhe dá a liberdade que não pode ter a vida toda, seu único e inestimável prazer. No palco, seu olhar procurava sua primeira vítima. O primeiro coração que se aproveitaria. Achou. Parece um anjo, ele pensa. Uma tatuagem de Ankh nas costas. Adorou.

Ao descer do palco não demorou muito e já estava aos beijos com sua anjinha do Ankh. Prometeu lhe conhecer, ser diferente, poético e romântico, até chegar ao dark room. Lá quis provar o sexo dos anjos. E lá se foi sua primeira vítima.

Outra manhã vazia. O que ficou foi a ressaca. Mais um dia no trabalho em automático esperando apenas a noite, no qual foi convidado para discotecar de novo, pois todos do Cine Lapa gostaram de sua performance como DJ. Mateus já tomado pela luxúria e pelo prazer não pensava em mais nada. Estava agindo como um vampiro esperando o próximo gole de sangue. Não ligou para a anjinha do Ankh, nem lembrava mais de seu nome.

Mais uma noite, mais músicas, mais vítimas, menos coração, menos alma. Mas ao se olhar no espelho lá pelas três horas da manhã não mais se reconhecia. Era apenas um rosto borrado pela maquiagem do deus obscuro que o tomou.

Olha para a lâmpada ao fundo do banheiro e tenta procurar um Deus que não mais acredita, um amor que não mais sente. Queria voltar a sua juventude, quando ainda podia acreditar em algo, voltar a sonhar, queria a inocência de ainda acreditar num futuro bom. Volta para a pista. Não quer a verdade, queria viver a mentira egoísta de sua vida atual. Faz mais uma vítima de seu charme alcoólico, mas já são seis horas da manhã. Terá de trabalhar. Mas não aguenta mais o trabalho, quer sua vida só a noite, quer o deus da lua, deus da escuridão da noite misteriosa, não quer o sol, não quer o claro, não quer se olhar no espelho. Mas tem de trabalhar pelo dinheiro. Neste momento, Mateus toma seu primeiro comprimido de ecstasy e mais uma vez foi chamado para discotecar.

O dia passa voando, ele curte a velocidade da droga. Deseja que o sol despenque do nada e o dia passe a ser eternamente noite. Chega em casa e o sono vem rápido. Mas ele tem de tocar, a noite lhe chama. O sexo lhe chama. Não ama mais. E mais uma dose de ecstasy com energético no organismo dominado pela luxúria. Mais uma vez a noite o toma.

Ao subir no palco, ele não conseguia fazer a conexão entre uma música e outra, estava sofrendo, não estava captando a música da alma, ela já não lhe diz mais nada, não sente mais, nem melodia, nem letra, nem mensagem, nada. Do nada, a música para. Não consegue pensar, agir, nada. E fica lá, parado, estático olhando para a pista. E começam a vaiar. Desesperado, Mateus corre para o banheiro. Não consegue entender. Não consegue sentir mais nada. Olha pro espelho e não se vê mais. Quem está refletido ali ele não conhece mais. Neste momento, escuta o som distante de uma voz lhe chamando... mas está longe, tenta se mover, mas não consegue. Então, sente um pesar no coração, seu corpo

inteiro se contrai, não tem mais controle e cai no chão. Seu espectro o venceu. A droga o venceu. Seu coração não aguentou a droga, o tranco, o trato. Nesse momento amanhece e Mateus é encontrado em meio ao mictório sujo de mijo e chiclete e socorrido ao hospital.

No leito, num quarto azul e iluminado, Mateus permanece imóvel, se recuperando de sua quase morte. Ao seu lado está a garota que o encontrou no banheiro, esperando ele acordar:

Até que às seis horas da tarde, no momento da guerra entre o claro e o escuro, entre o dia e a noite, Mateus desperta de sua quase morte. Ao lado, vê uma figura, um Ankh nas costas da garota. No quarto estão uma médica e essa garota misteriosa que lhe fala:

— Acordou finalmente, hein?

— Quem é você?

— Eu sou a garota que o substituiu depois do surto que você deu no palco...

Prazer, meu nome é Ísis...



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br